

2.393.000

JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

Lmexerica, tangerina ou bergamota? Farol, sinal, semáforo ou sinaleira? Ser brasileiro é entender o significado de cada um desses termos. Linguajar, sotaque, comida, música, hábitos... Os elementos de construção da cidade vão além do mármore e concreto. Os pioneiros que aqui chegaram, desde o final dos anos 1950, trouxeram nas alas muito mais do que a disposição de erguer o futuro. Mais do que suor derramado no barro vermelho, esses homens e mulheres ofereceram à capital a força de ricas tradições. Provaram que, embora abrigados por uma só nação, somos múltiplos. "Brasília é como uma espécie de miniBrasil reproduzido em laboratório", como define o sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes.

A capital se abriu aos que chegaram e permitiu que imprissem marcas por aqui. Motivados pelo orgulho da terra natal, criaram diversas formas de congregação. Por aí se espalham a chula do Centro de Tradições Gaúchas no Setor de Clubes Sul; a Casa do Cantador e os repentistas nordestinos de Ceilândia; o samba carioca da Aruc, no Cruzeiro; o acarajé de Yayá e o afoxé carnavalesco-religioso do bloco Asé Dudu, em Taguatinga... A distribuição e fixação de um arcabouço cultural tão diverso estiveram ligadas especialmente à gente que insistiu em manter floridos aspectos de suas terras de origem. É o caso do aposentado Teodoro Freire, 87 anos, que perpetuou a tradição maranhense do bumba-meu-boi

em Sobradinho. O Boi de Seu Teodoro é hoje manifestação tipicamente regional reconhecida e registrada pela Secretaria de Cultura como patrimônio imaterial de Brasília.

Seu Teodoro pisou aqui pela primeira vez em 1961. Foi convidado a "brincar o boi" nas celebrações do primeiro aniversário da capital. Dois anos depois, se mudaria definitivamente para cá. No mesmo ano, o boi voltou novamente às ruas. "Era um prestígio para maranhenses, e espanto para os outros. A cultura é assim, mexe com o povo", diz ele. Aos poucos, as alegorias do boi se misturaram com Brasília. Os couros que enfeitam a brincadeira ganharam motivos novos. Imagens da Catedral, dos bunitos e até da terceira ponte. Ele explica que os detalhes não descaracterizam a tradição. São sinais de valorização da capital.

Mas seu Teodoro também chama a atenção para o pouco reconhecimento que ganham os elementos regionais na lista dos patrimônios locais. "A catira, as meninas do Batalá, os cantadores, Festa do Divino... Tudo é sinal de que o Brasil está aqui, é prestígio da cultura popular", argumenta.

Essa dificuldade apontada por seu Teodoro está associada à dinâmica migratória estabelecida durante a formação da capital, na opinião da antropóloga Tânia Mara Campos de Almeida, professora da pós-graduação em psicologia da Universidade Católica de Brasília. Ela é especialista em antropologia social-urbana, já orientou teses relacionadas a sociedades complexas, modernidade, violência, religião. E observa que as culturas de estados mais pobres precisaram de mais re-

sistência para se firmar, vencer preconceitos e ter o reconhecimento das demais. As tradições do Sul e Sudeste levaram vantagem, da mesma forma como nacionalmente privilegiados a cultura européia em detrimento das sul-americanas.

"É o chamado capital simbólico, onde culturas ditas mais avançadas têm primazia mesmo diante de outras até mais numerosas e igualmente ricas", conceitua. Segundo ela, isso repete um modelo de segregação. "Brasília nasceu para todos. Mas desde o início ficou definido o local que cada um ocuparia", completa. Aos poucos, a cidade tem propiciado maior abertura. Mesmo assim, para muitos, comer um sarapatel na Quituart, no Lago Norte, é programa gastronômico. Na feira do Núcleo Bandeirante é incursão antropológica. "Há, nesse caso, um exemplo típico da formação do capital simbólico, que interferirá até no preço do mesmo prato", avalia.

A cidade prevista em sonhos, recinto de novas religiões como a do Vale do Amanhecer, mística por excelência, teria a diversidade marcada no próprio destino. É o que acredita o astrólogo Carlos Maltz. Segundo ele, essa característica está indicada no mapa astrológico de Brasília. O sol em touro enfatiza as tradições, mas o ascendente em aquário apela sempre para o que há de mais moderno. Além disso, a lua em peixes e o planeta Netuno no alto do céu levariam a uma miscelânea cultural bastante produtiva. "É uma conspiração muito intensa. Estabelece até uma certa confusão para se identificar o que é e o que não é tipicamente brasileiro."

Breno Fortes/CB - 21/11/07



... DE ROSTOS E CONTRASTES

Viver num ambiente tão diverso influenciou diretamente a personalidade do brasileiro. O ambiente eclético da cidade é propício para ricas experiências. É a teoria oriental do impacto, como explica a filósofa Lúcia Helena Galvão, professora da escola Nova Acrópole. "Do contraste nasce a consciência. Filhos da diversidade, os brasileiros estão mais dispostos a entender o mundo." Ela compara a formação local do povo como um prato refinado, elaborado por um chef experiente. "É justamente a disparidade que realça o sabor, a heterogeneidade que faz do produto algo único."

Porém, muitos que aqui chegaram se queixam de uma distância imposta aos forasteiros. Taxam o brasileiro como um povo chato, impessoal, pouco receptivo. Esse isolamento estaria ligado às relações claras de poder estabelecidas com a transferência da capital do Rio de Janeiro para cá. A antropóloga Tânia Mara Campos de Almeida classifica esse comportamento como fruto de uma fobia social, plantada especialmente na classe média. Com isso, percebemos um espaço público ocioso, não ocupado por ninguém. "O Plano Piloto transmite uma sensação constante de controle. As pessoas não transitam, não interagem com a geografia do lugar. E, quando o fazem, se restringem a atividades entre iguais, como levar os filhos para o parquinho", exemplifica.

Para interpretar esse comportamento, Lúcia Helena compara o povo de Brasília com o cerrado, vegetação típica local. O clima é seco, com árvores isoladas e que pouco interagem. Basta surgir uma chuva esparsa para que o verde predomine. "Quando assimila o traço da cidade, o migrante passa a valorizar essa sensação de independência e liberda-

de, quando compara com a cidade de origem." Nesse momento, torna-se também um brasileiro. "Cada vez menos se escuta que a melhor atração de Brasília é o aeroporto, como era comum há 20 anos. As pessoas conseguem se identificar cada vez mais com a cidade", completa. Um ambiente tão aberto, também é propício para aguçar a criatividade, materializada numa produção cultural intensa.

Cenário com influência, inclusive, nas diferentes formas de amar. Tânia Mara mostra que, apesar da dificuldade de sair dos nichos profissionais e familiares, as pessoas têm mais facilidade para transitar entre diferentes tipos de relacionamentos, que vão do sexo casual às mais tradicionais relações. "O brasileiro está mais aberto a experiências não-monogâmicas e entre pessoas do mesmo sexo. A liberdade das relações é aceita com mais naturalidade e menos preconceito por aqui."

O ser brasileiro também está focado no divino, que ele enxerga mais dentro de si do que no templo. Tânia Mara acredita que aqui existe uma liberdade maior de experimentação entre religiões, motivada pelo afastamento do seio religioso familiar. "A migração nos afasta do constrangimento de negar a crença familiar, dá liberdade para experimentar", avalia. A consequência: flores para Iemanjá no réveillon, missa aos domínios, passe na Comunhão Espírita às quartas, meditação com alinhamento de chackras... Tudo isso somado, cria-se uma crença particular, um sincretismo prático, onde a divindade é mais importante que sistema religioso. "Busca-se salvação e bem-estar, sem que isso estabeleça vínculo de exclusividade a uma ou outra crença."

Há quem garanta que já temos um sotaque próprio. A

lingüista Ana Maria Vellasco defende o tema no livro *O falar candango* (ainda não publicado) que ela divide com as colegas Stella Maris Bortoni e Vera Aparecida de Freitas, todas da UnB. Nossa fala resulta da fusão única provocada pela migração de diferentes partes do país. "É uma pronúncia nova, que mistura elementos diferentes, mas elimina os traços mais singulares de cada sotaque", explica. É como se refinássemos da língua o chiado dos cariocas, a cadência excessiva do falar gaúcho, e outras particularidades fonológicas para compor um falar único. "O DF recebeu e continua recebendo brasileiros de todas as partes do país, o que gerou uma espécie de 'koineização', semelhante à que ocorreu na Grécia Antiga (mistura de dialetos que gerou um só falar)", completa. O sotaque, apesar de trazer traços fortes do Norte e Nordeste, estaria próximo ao treinado pelos apresentadores de telejornais.

A criação de expressões próprias reforça a identidade cultural gerada a partir da linguagem. Ana Maria destaca a formação de neologismos ou adaptações de termos preexistentes, como o "véi" e o "páia", que já se tornaram marcas registradas dos jovens da cidade até mesmo fora do Distrito Federal. "São palavras que nascem como senhas, criadas em círculos de amizade, e que podem ganhar popularidade", completa. O mais interessante, segundo ela, é que no DF esse tipo de linguajar não se restringe a um ou outro ponto: se espalha com a mesma intensidade entre Brasília e as demais cidades do DF. Quando chegam, dizem "falô", quando estão com fome, saem para "ranger"; quando é pra valer, é "de rocha"; pra ir embora, dão um "vazare".